

**“COM OLHOS DE CRIANÇA”: A METODOLOGIA DE PESQUISA
COM CRIANÇAS PEQUENAS NO CENÁRIO BRASILEIRO**

**"AS A CHILD'S EYES": A RESEARCH METHODOLOGY WITH
SMALL CHILDREN IN BRAZILIAN SCENERY**

**"OJOS CON NIÑOS": UNA METODOLOGÍA DE INVESTIGACIÓN
CON PEQUEÑOS NIÑOS EN BRASILEIR PAISAJE**

Silvia Adriana Rodrigues¹

Tammi Flavie Peres Borges²

Anamaria Santana da Silva³

RESUMO: O movimento da Sociologia da Infância tem contribuído significativamente para a percepção das crianças como atores sociais, que estabelecem interações significativas com pessoas e instituições ao mesmo tempo em que desenvolvem estratégias de participação no mundo; pensá-las como atores é também considerá-las como informantes competentes em processos de investigação científica. No Brasil há um esforço para a produção de investimentos teóricos e desenvolvimento de estudos que contribuam para a construção de uma metodologia de pesquisa com crianças. Diante desta premissa, o presente artigo tem como proposta evidenciar as possibilidades da metodologia de pesquisa que elege a criança como protagonista; para tanto, resgatamos sumariamente algumas investigações realizadas no Brasil que adotaram a concepção de criança capaz de estabelecer relações, além de destacar as possibilidades do uso de instrumentos que visam amparar uma metodologia coerente e específica para a pesquisa com crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa com criança(s). Protagonismo infantil. Metodologia de pesquisa. Sociologia da Infância.

ABSTRACT: The movement of the Sociology of Childhood has contributed significantly to the perception of children as social actors, establishing meaningful interactions with people and institutions while developing strategies for participation in the world; think of them as actors is also considering as competent informants in processes of scientific investigation. In Brazil there is an effort to produce theoretical studies of investment and development that contribute to the construction of a research methodology with children. Given this premise, this article aims to highlight the possibilities of research methodology that chooses the child as a protagonist; for both summarily rescued several

¹ Mestre em Educação e Doutoranda em Educação pela FCT/UNESP – Campus de Presidente Prudente; Professora Assistente da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal. E-mail: silvia.rodriques@ufms.br.

² Pedagoga; Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal. E-mail: tammiflavie@hotmail.com.

³ Doutora em Educação; Professora Associada da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal. E-mail: anamariasantana@uol.com.br.

investigations in Brazil have adopted the conception of the child able to establish relationships and highlight the possibilities of using instruments designed to support a coherent and specific methodology for research with children.

KEYWORDS: Research with children(s). Child protagonist. Research methodology. Sociology of Childhood.

RESUMEN: El movimiento de la Sociología de la Infancia ha contribuido significativamente a la percepción de los niños como actores sociales, estableciendo interacciones significativas con las personas y las instituciones, mientras que el desarrollo de estrategias para la participación en el mundo; pensar en ellos como actores también está considerando los informantes como competentes en los procesos de la investigación científica. En Brasil hay un esfuerzo producir los estudios teóricos de la inversión y el desarrollo de los estudios teóricos que contribuyan a la construcción de una metodología de investigación con los niños. Teniendo en cuenta esta premisa, este artículo pretende poner de manifiesto las posibilidades de la metodología de investigación que elige el niño como protagonista; por tanto, juzgados sumariamente para rescatar a varias investigaciones en Brasil que adoptaron la concepción del niño capaz de establecer relaciones y poner de relieve las posibilidades de utilizar los instrumentos diseñados para soportar una metodología coherente y específica para la investigación con niños.

PALABRAS CLAVE: Buscar con niño (s). Del papel del niño. Metodología de la investigación. Sociología de la Infancia.

SITUANDO A QUESTÃO

Para iniciar nossa conversa, é preciso destacar a diferença entre os conceitos de ‘criança’ e ‘infância’ que são centrais nos estudos da Pedagogia e da Educação Infantil, bem como na Sociologia da Infância e que estão intrinsecamente relacionados; criança, enquanto um ser biológico, sempre existiu tratando-se da pessoa de pouca idade e que teve um papel diferenciado ao longo da história da humanidade e nos diversos contextos sociais e culturais. Entretanto, é importante destacar que, apesar dessa reconhecida existência, nem sempre a criança foi entendida como ator social que pensa, reflete, discute, argumenta, elabora juízos de valor, etc. Corazza (2002, p. 81) aponta que:

As crianças são as grandes ausentes da história simplesmente porque, no chamado “passado” – da Antiguidade à Idade Média-, não existia este objeto discursivo a que chamamos “infância”, nem essa figura social e cultural chamada “criança”, já que o dispositivo de infantilidade não operava para, especificamente criar o “infantil” [...] Não é que não existissem seres humanos pequenos, gestados, paridos, nascidos, amamentados, crescidos – a maioria deles mortos, antes de crescerem-, mas é que a eles não era atribuída a mesma significação social e subjetiva [...] (grifos da autora).

Cabe dizer, então, como aponta Souza (2011), que, a partir dos processos histórico-sociais e das relevantes contribuições de diversas áreas do conhecimento, hoje, a criança é vista como um sujeito concreto que integra uma categoria geracional; uma

construção social que, com o passar do tempo, se transforma, variando entre grupos sociais e étnicos dentro de qualquer sociedade. Essas formas diferenciadas de se ver e de tratar esses seres de pouca idade é o que chamamos de ‘infância’.

Ou seja, infância é a forma de ser criança, ou melhor, as formas, pois, a partir dessa definição, não teremos mais uma única infância e, sim, infâncias. Essas formas de se ver e conceber os diversos tipos de infância fazem parte de um processo histórico-cultural que foi sendo construído e modificado em diferentes tempos, espaços e sociedades. Conseqüentemente é no entrelaçado de situações tecidas dentro de cada um desses espaços, isto é, a partir dos interesses sociais, econômicos, culturais e políticos neles germinados, que a infância se constitui como categoria, como um período não estático, em permanente construção, germinada... (SOUZA, 2011).

Assim, a infância não é algo intrínseco aos seres humanos, pois ela não é um produto da ‘natureza’, mas uma construção histórica, com a finalidade de possibilitar “a consciência da particularidade infantil, ou seja, aquilo que distingue a criança do adulto [...]” (KRAMER, 2006, p. 17).

Desse modo, o surgimento da concepção de infância, da descoberta e do reconhecimento das especificidades das crianças, traz à tona o interesse pela infância, que se torna um objeto de estudo, principalmente da Pedagogia e da Psicologia. Narodowski (1998, p. 173) aponta que “a infância gera um campo de conhecimentos que a pedagogia constrói, mas, ao mesmo tempo, é um corpo – o corpo infantil, o corpo adolescente – depositário do agir específico da educação escolar”; assim, a criança tornou-se dependente das decisões adultas. Essa é a concepção de criança que vai ser modelada nos séculos XVIII e XIX e se consolidar até meados do século XX, quando esse modelo começa a ser questionado.

Narodowski (1998) ainda aponta que houve mudanças significativas na forma como as crianças se comportam, o que decorre a existência de diferentes modelos de infância na atualidade, nos quais as crianças são independentes dos adultos, sendo capazes até mesmo de guiá-los.

Nesta direção, Corsaro (2011, p. 15) afirma que

[...] as crianças são agentes sociais, ativos e criativos [...] a *infância* – esse período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas – é uma forma estrutural [...] uma categoria ou uma parte da sociedade, com classes sociais e grupos de idade. Nesse sentido as crianças são membros e operadores de suas infâncias. Para as próprias crianças, a infância é um período temporário (grifo do autor).

Assim, o olhar que hoje temos da infância, da criança, do aluno não é o mesmo de séculos ou de décadas atrás, pois o mesmo sofreu processos que levam a transformações que direcionam a uma nova visão. Todas essas mudanças direcionaram a uma nova forma de ver as crianças. Dentre as transformações que ocorreram nos últimos vinte ou trinta anos talvez a mais importante seja aquela em que a criança começa não apenas a ser vista, mas também “ouvida”, sendo percebida como agente participativo da sociedade em que vive (SARMENTO, 2004).

Nesse bojo surge a iniciativa de colocar a criança como efetivo sujeito da pesquisa científica e, ainda, a valorização do registro de expressões tipicamente infantis (como o desenho, por exemplo) como instrumento de coleta de informações e a preocupação de registrar e discutir o olhar e o entendimento da criança sobre seu entorno.

Quinteiro (2002) aponta que, de certo modo, demorou para que as Ciências Sociais e Humanas direcionassem seus estudos priorizando a criança e a infância como objetos centrais de suas pesquisas e, mais ainda, para que os sociólogos adotassem como eixo de suas investigações o registro das várias expressões da criança. Sobre essa questão, é possível afirmar que apesar da ‘demora’, a preocupação com estudos que interpretem as representações infantis sobre o seu entorno e a dinâmica de funcionamento do mundo não é uma novidade no Brasil. Já no início do século XX iniciativas isoladas buscaram colocar a criança como principal ator em processos de pesquisa.

Partindo dessas premissas, o presente texto traz como escopo, além de resgatar alguns trabalhos realizados no Brasil que adotaram, como afirma Cruz (2008, p. 77), a concepção de criança competente, “ressaltando as suas possibilidades de estabelecer relações e levantar hipóteses explicativas, bem como de se comunicar, de argumentar, de pensar e refletir”, evidenciar as possibilidades, vantagens e dificuldades dos instrumentos que têm como propósito amparar uma metodologia coerente e específica para a pesquisa com crianças.

A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E AS PESQUISAS COM CRIANÇAS

A partir da década de 1980 constitui-se um novo campo de estudo: a Sociologia da Infância, com o propósito de buscar resgatar a infância das perspectivas que a compreendem como um simples período maturacional do desenvolvimento humano que se constrói independentemente das condições históricas, culturais e sociais dos indivíduos.

A concepção de infância elaborada a partir desse novo olhar discorda das

visões que rejeitam a influência da construção social vigente, as condições de existência e as relações estabelecidas pelos sujeitos, como propõem, por exemplo, algumas teorias psicologizantes as quais, segundo Nazário (2011, p. 1), definem e legitimam “modelos padronizados de desenvolvimento infantil e que remetem as crianças à condição de subalternidade”.

Nesse sentido, Sarmiento (2008) aponta os esforços da teoria da Sociologia da Infância em extinguir as visões dos que compreendem a criança como um “ser em devir” ou, como aponta Borba (2008, p. 36), “[...] pelo que não é e pelo que lhe falta em relação ao adulto: in-competente, i-matura, i-racional”, bem como a dominante ideia de negatividade que lhe era/é atribuída.

Para Abramowicz (2011, p. 23-24), esse novo referencial “nos ajuda a pensar a criança e a infância não só como maleta de instrumentos teóricos [...]; traz em seus movimentos inversões interessantes, novos/outros agenciamentos, novos pesquisadores, novas perspectivas sobre as crianças, um outro olhar contra o adultocentrismo [...]”.

A partir desse novo prisma, faz-se necessário abandonar as concepções de infância que habitam o senso comum, que consideram as crianças como um projeto de adulto para que seja possível compreendê-las como capazes de dotar suas realidades de sentido, isto é, como “protagonista de ações, competente socialmente, dona de uma curiosidade investigativa original que lhe permite aproveitar todas as situações interativas e exploratórias das quais participa para produzir conhecimentos” (RAMOS, 2012). De acordo com Borba (2008, p. 74-75), “[...] É preciso penetrar verdadeiramente no mundo da criança [...] e compreendê-la do seu próprio ponto de vista. É necessário romper com uma idéia (*sic*) única e universal de infância e entendê-la em sua singularidade [...] as diferentes infâncias vividas por nossas crianças [...]”.

Sarmiento e Pinto (1997 apud MARTINS FILHO, 2004) consideram as crianças como sujeitos completos, atores sociais e não como componentes acessórios da sociedade dos adultos. Tal afirmação implica o reconhecimento da capacidade das crianças de produção simbólica e na constituição das suas manifestações e representações em sistemas organizados, isto é, em culturas. Os autores ainda chamam a atenção para o fato de que considerar a ‘autonomia cultural’ das crianças é ainda uma questão controversa; no entanto, esse debate não se centra no fato reconhecido de as crianças produzirem significações autônomas, mas em saber se essas significações se estruturam e se consolidam em culturas da infância. É importante ainda considerar que essas culturas possuem dimensões relacionais,

constituídas nas interações de pares e com os adultos, que estruturam relações, formas e conteúdos representacionais distintos, exprimindo a cultura societal em que se inserem, mas feitas de modo distinto das culturas adultas e veiculando formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo. Nas palavras de Corsaro (2009, p. 31): “[...] as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural”.

É nesse sentido que, usando as palavras de Delgado e Muller (2006, p. 9), percebe-se a produção teórica da Sociologia da Infância “como um marco que assinala o reconhecimento das crianças enquanto atores sociais, que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto”. Nos termos de Rego (2013, p. 5): “isto é revolucionário na medida em que, geralmente, os estudos sobre a infância são pautados por aquilo que os adultos falam sobre e pelas crianças”.

Dessa forma, os estudos desenvolvidos a partir desse novo prisma partem do pressuposto de que a criança é ator ativo do processo de socialização em que se vê envolvida, sendo esta a razão de buscar não somente a valorização das “falas infantis”, mas, principalmente, compreender sua perspectiva sobre o mundo. Assim, esses estudos propõem o importante desafio teórico-metodológico de considerar as crianças como atores sociais plenos, substituindo a visão da criança como um sujeito passivo para o entendimento de que ela é co-construtora de sua inserção social e cultural, sustentando que a compreensão da infância necessita (e deve) ser construída com a criança e não somente a respeito dela.

AS CRIANÇAS COMO PROTAGONISTAS NAS PESQUISAS BRASILEIRAS

Considerar a criança como protagonista na pesquisa científica é uma perspectiva que tem orientado vários trabalhos brasileiros de pesquisa na atualidade, principalmente pela forte influência do movimento da Sociologia da Infância. No entanto, é importante destacar que algumas experiências isoladas já foram realizadas no Brasil em um momento anterior a este movimento, mais especificamente no início do século XX.

Um dos pioneiros nesse tipo de pesquisa foi Florestan Fernandes, que pode ser considerado como precursor dos estudos sobre a criança e suas expressões culturais. O estudioso realizou, em 1944, uma investigação com grupos infantis que brincavam na rua, as chamadas “trocinhas”, com o objetivo de conhecer os grupos infantis e o folclore infantil. Nesse estudo sobre as brincadeiras de rua no bairro do Bom Retiro, na cidade de São Paulo, observou e entrevistou crianças, buscando ouvir suas opiniões e críticas a respeito da

dinâmica das "trocinhas". A obra *As trocinhas do Bom Retiro* anuncia um olhar que rompe com o entendimento de que a criança usa uma lógica primitivista, “voltando-se não para a análise do repertório lúdico infantil, mas o estudo das suas formas de sociabilidade, expressas na atividade do brincar” (SARMENTO; GOUVÊA, 2008, p. 8).

Outra experiência do início do século XX, também no Brasil, que pode ser considerada pioneira na perspectiva de “ouvir” as crianças foram os concursos de desenho infantil realizados por Mario de Andrade, a partir do ano de 1937, quando foi diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo. Essa atividade tinha como objetivo compreender as experiências e os desejos das crianças que frequentavam os parques infantis através de seus desenhos. O interessante nessa experiência é que havia uma orientação quanto à forma como deveriam ser coletados os desenhos, qual seja, as crianças deveriam desenhar sem qualquer tipo de direcionamento, imposição de temas ou materiais; os desenhos deveriam retratar a forma que as crianças viam a escola, a cidade, os amigos, a família, enfim, como ‘viam o mundo’ naquele momento histórico. Por isso, atualmente podem ser considerados como documentos (GOBBI, 2002).

Um outro trabalho realizado também através de desenhos e que procurou dar visibilidade à percepção de mundo das crianças foi a experiência realizada por Paulo Freire, então Secretário de Educação em São Paulo, na gestão de 1989 a 1992 da prefeita Luiza Erundina. Naquele momento, foi proposto para todos os professores da Educação Infantil do município que estimulassem as crianças a desenharem como elas viam a sua escola. Segundo Gobbi (2002, p. 80), “[...] definiu-se como prioridade que fosse abordado como tema as escolas de educação infantil frequentadas pelas crianças para obter como resultado a visão construída por eles acerca da escola”.

Tal iniciativa indica uma mudança na visão com relação às crianças enquanto participantes ativos, evidenciando um grande avanço, resultando, inclusive, na elaboração de políticas públicas com base no que as crianças expressaram.

Porém, trabalhos como os de Florestan Fernandes, Mario de Andrade e Paulo Freire, apesar de precursores na ‘escuta das crianças’, ficaram adormecidos por um período. Essa questão será retomada no Brasil somente na década de 1990, por José de Souza Martins (1993), que traz à tona novamente essa discussão.

O referido autor, em seu estudo sobre a luta pela terra, começou a observar que, enquanto realizava entrevistas com os adultos, as crianças ficavam em volta, num “grupo numeroso e atento de um público que, aparentemente, não se sentia no direito de falar e

perguntar [...] um grupo que não fala, mas ouve muito” (MARTINS, 1993, p. 56).

Assim, percebeu que as pesquisas nas Ciências Sociais até então realizadas privilegiavam algumas fontes consideradas aceitáveis, com dados confiáveis. Ou seja, para as Ciências Sociais, o sujeito tem que ser aquele que fala e não ‘o que se cala’; o que demandou, segundo o autor, modificações nas técnicas de investigações e no desafio e avanço em ouvir “os mudos da história, os que não deixam textos escritos, documentos” (MARTINS, 1993, p. 54). A partir dessas observações e reflexões, ele decide usar as falas das crianças na construção de sua pesquisa atribuindo a elas o papel de atores sociais.

Com o desafio lançado por José de Souza Martins, surge outra questão nas pesquisas realizadas com crianças: “a importância cada vez maior, em nossos dias, de *aprender a ouvir* as crianças e os jovens” (DEMARTINI, 2002, p. 2). A mesma autora aponta ainda que existem nas pesquisas “dois grupos de relatos orais referentes a crianças e infância”: aqueles sobre as crianças e os com as crianças, sendo que:

Os relatos sobre as crianças (e sobre a infância) geralmente são produzidos por pessoas que já passaram por essa etapa. Podem ser emitidos por adolescentes, por adultos, por pessoas mais idosas, mas são relatos sobre o período da infância, que fazem referência aos períodos da infância vivenciados por cada um (DEMARTINI, 2002, p. 5).

Assim, a pesquisa sobre as crianças (infância) traz relatos de um período da vida que já passou e que é feito por pessoas que já vivenciaram essa etapa e trazem diferentes maneiras de sentir e relatar a infância. O outro grupo de pesquisa é a produzida com crianças, com os relatos construídos pelas crianças (DEMARTINI, 2002). Este é um novo movimento que vem ganhando contornos mais definidos no cenário brasileiro de pesquisa.

Em um breve levantamento dos trabalhos apresentados nas últimas reuniões anuais da Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (de 2000 a 2012)ⁱ, especificamente no Grupo de Trabalho Educação de crianças de 0 a 6 anos, localizamos 21 trabalhosⁱⁱ que priorizaram a criança como sujeito principal, ou seja, pesquisas que adotaram metodologias que reconhecem e valorizam a efetiva participação infantil, dando destaque aos seus dizeres, olhares e perspectivas.

Dentre os trabalhos, apenas dois foram desenvolvidos com crianças de creche; onze indicam que tiveram como sujeitos crianças na faixa etária entre três e cinco anos; dois indicam que a faixa etária dos sujeitos foi de zero a seis anos; três trabalhos não mencionam a faixa etária das crianças e um se configura como discussão teórica sobre metodologia de pesquisa específica com crianças. Acreditamos que esse número indica o

crecente interesse por esta abordagem metodológica, sendo que há uma predominância em investigar crianças da Educação Infantil, especificamente na idade de frequência na pré-escola.

Martins e Bretas (2008) consideram ousado o debate teórico-metodológico das pesquisas educacionais que parte da perspectiva de valorização da voz infantil. As autoras ainda afirmam que o diálogo realizado entre os diferentes interlocutores que se interessam pelo tema pode contribuir sobremaneira com a ideia de que a infância é um espaço-tempo constituidor de cultura e saberes e, principalmente, contribuir com o desabrochar de uma confiança baseada na capacidade das crianças de criar e recriar a realidade social na qual estão inseridas.

Baseada nos preceitos que contradizem a recorrente perspectiva que toma as crianças como sujeitos passivos, Schramm (2009, p. 1) indica que “assimilando o que capta do outro, identificando-se e se diferenciando deste outro, a criança vai se constituindo como pessoa”. Nessa mesma direção, Arenhart (2005) destaca que esta é uma relação dialética entre sujeito e sociedade e que desse modo não se trata nem de mera assimilação passiva, nem de produção autêntica advinda de uma essência infantil natural, mas de uma troca na qual ao mesmo tempo em que as estruturas formam o sujeito, também são formadas por ele.

Borba (2006, p. 4) também fomenta esta discussão ao argumentar que:

As crianças se encontram em um mundo estruturado por relações materiais, sociais, emocionais e cognitivas que organizam suas vidas cotidianas e suas relações com o mundo. É nesse contexto que elas vão constituindo suas identidades como crianças e como membros de um grupo social. Não devem, todavia, ser vistas como sujeitos passivos que apenas incorporam a cultura adulta que lhes é imposta, mas como sujeitos que, interagindo com esse mundo, criam formas próprias de compreensão e de ação sobre a realidade. Isso porque esse contexto não apenas constrange suas ações, mas também lhes traz novas possibilidades.

Agostinho (2008) ressalta que a indispensabilidade da participação infantil é uma questão social, política e científica que contribui para a construção, implementação e efetivação de práticas e políticas participativas que defendam a cidadania ativa da infância. A autora ainda discute que o desafio de tal empreitada encontra-se justamente em conhecer a criança a partir de um novo olhar.

Para Muller (2003), o desafio vai além da emergência de um novo olhar, deve-se pensar na mudança de posturas, de práticas e de políticas com vistas a extinguir o preconceito arraigado pelo olhar adultocêntrico.

A respeito desse contexto, Silveira (2004, p. 1-2) aponta que a tentativa de

mudar esse quadro a partir da relevância concedida aos dizeres infantis pode contribuir na mudança de paradigma sobre o que é ser criança, isso porque elas “[...] não são as detentoras de verdades absolutas ou dotadas de um conhecimento puro, inovador e irrepreensível. Não se trata de tomar as suas falas como verdades ou mentiras, ou mesmo enaltecer um suposto saber infantil, mas sim entendê-las enquanto enunciados que supõem singularidades”.

Correa e Bucci (2012) indicam que para tal superação faz-se necessário, de um lado, abandonarmos a visão predominante de criança como alguém de menor importância a quem não precisamos levar a sério, e, de outro, não menos relevante, construirmos uma nova cultura em nossa sociedade baseada no reconhecimento de que as crianças são sujeitos que precisam ser ouvidos para além do direito que possuem de se expressar, uma vez que têm muito a nos dizer e a colaborar a respeito de questões que lhes afetam cotidianamente.

Nas palavras de Cruz (2009), é preciso não somente falar sobre as crianças, mas falar com elas, ou seja, viabilizar uma escuta sensível sobre seus desejos, temores, alegrias e decepções, uma vez que a compreensão e a integração de seus dizeres sobrepostos aos dos adultos mostram-se fundamentais na constituição de espaços de Educação Infantil que priorizam o educar e o cuidar pautados em propostas significativas de enriquecimento, desenvolvimento, aprendizagem e prazer para os pequenos.

Pautada em tal premissa, e na contracorrente da visão truncada e adultocêntrica, Cruz (2008, p. 77) afirma que nos últimos anos diversas áreas do conhecimento, através de novos estudos, têm paulatinamente reforçado e complementado a concepção de criança como sujeito capaz e informante competente da pesquisa científica.

Ramos (2011) confirma que, no cenário sócio-histórico atual, as transformações relativas à infância estão entre as mais significativas ocorridas ao final do século XX, uma vez que estas denotam um conjunto de alterações de valores e de representações dos papéis das crianças nas sociedades onde se encontram, agora valorizadas e reconhecidas como um ser humano integral e não mais como uma promessa de futuro.

De acordo com Belloni (2007), a inédita valorização na história da criança que começa a ser desejada, amada e consultada, bem como da infância, grupo social ou categoria geracional que outrora eram dominados e sem voz, suscita debates e polêmicas, exigindo, assim, um novo posicionamento nas ciências sociais e na educação, no sentido de compreendê-las com mais afinco.

Sobre essa questão, Delgado e Muller (2005, p. 3) indicam que as experiências de participação das crianças nas sociedades atuais são, na maioria das vezes,

confundidas com ações que transcorrem pela permissividade ou pelo paternalismo, tendo em vista que:

Quando falamos em culturas das infâncias e participação das crianças percebemos que isto causa tensões no mundo adulto, que não compreende como as crianças muito pequenas podem participar e tomar decisões. Isto não nos surpreende, uma vez que vivemos em uma sociedade com regras sociais e culturais muito rígidas e pouco flexíveis com relação às crianças [...]

A esse respeito, Fernandes e Tomás (2011, p. 262) apontam que “as exigências para a construção de arenas de participação das crianças, nas quais sejam entendidas como cidadãos de direitos, com ação no seu cotidiano exigem uma atitude reflexiva e de abertura a mudança dos contextos de socialização das crianças”.

Para Oliveira (2001), esse novo interesse em investigar a criança/infância no contexto da Educação Infantil sob ângulos ainda pouco explorados, ou seja, a partir de seus próprios olhares, concepções e perspectivas, possibilita a imersão em diálogos que permitem ampliar a compreensão dos adultos e profissionais da área sobre essa especificidade da vida humana em creches e pré-escolas, bem como desvendar relevantes elementos que auxiliem nas reflexões acerca da garantia de um cuidar e educar de forma indissociável e de qualidade, respeitando os pequenos enquanto sujeitos completos em si mesmos, conscientes de sua condição e situação, que se expressam através de múltiplas maneiras.

Nesta trilha de proposições, Ramos (2012, p. 14), partindo do postulado de que “enxerga e acolhe o protagonismo social infantil e que busca aprender com as crianças, conhecer seus gestos, ouvir suas falas, compreender suas interações como bússolas a indicar caminhos e traçar rotas a serem navegadas pela Educação Infantil”, indica que chegou a hora de levantar âncora e partir, pois “Navegar nestes mares é preciso”...

Nesta breve exposição acerca do que vem sendo discutido e na perspectiva que vem sendo construída para condução de pesquisas que envolvem crianças, é possível perceber e afirmar que há um significativo esforço de um grupo de pesquisadores brasileiros em edificar uma compreensão cada vez mais abrangente da criança, uma vez que há uma preocupação central com seus interesses e visão próprios, encarando-a (inovadoramente) como informante competente e sujeito capaz de fazer indicações para novos rumos epistemológicos e teórico-metodológicos da pesquisa científica, bem como capaz de opinar e provocar mudanças sociais e culturais.

Consideramos este como um importante passo dado no sentido de romper

com o paradigma ainda muito arraigado no imaginário social que dá a criança e a infância um sentido marginal...

EMBATES E POSSIBILIDADES DA METODOLOGIA DE PESQUISA COM CRIANÇAS

É muito difícil observar a criança sem lhe emprestar alguma coisa dos nossos sentimentos ou de nossas intenções. Um movimento não é um movimento, mas aquilo que ele nos parece exprimir. E, a menos que estejamos muito habituados a agir em contrário, é o significado suposto que registramos (*sic*), deixando mais ou menos de indicar o próprio gesto. (WALLON, 1995, p. 36)

O excerto acima faz parte do livro *Evolução psicológica da criança*, de Henri Wallon, publicado pela primeira vez em 1941. O referido autor, desde longa data, demonstra as dificuldades dos estudos que pretendem respeitar o sujeito criança; para ele, o estudo da/com a criança não pode se limitar à simples constatação, mas se deve constituir na busca de contradições e conflitos nos diferentes contextos sociais compartilhados, sem manter o olhar fixo e restrito a uma pré-concepção, que em grande medida é quase sempre marcado pelo adultocentrismo.

De acordo com Fernandes e Tomás (2011, p. 267-268), os desafios decorrentes da participação ativa das crianças nas pesquisas e estudos sobre temas e questões que lhes dizem respeito são intensos e complexos, subdividindo-se em dois planos: o teórico, no qual se afirma “a participação das crianças enquanto princípio para a consolidação da sua imagem enquanto sujeito activo de direitos, actores sociais com espaço na sociedade”; e o metodológico, que prima pela ultrapassagem do legado epistemológico do déficit da racionalidade e competência das crianças, considerando-as “enquanto objecto de investigação autônomo e independente, enquanto sujeito de um processo de pesquisa, onde a sua voz e acção social são susceptíveis de serem analisadas a partir dela mesma”.

Ao aceitar o desafio de pesquisar com as crianças, para que o processo possa ser viabilizado de forma dinâmica e eficiente torna-se relevante se atentar às questões tais como a necessidade de ultrapassar a visão adultocêntrica permeada por memórias e lembranças da infância que se viveu, olhando para as crianças no presente; superar o infantocentrismo que não permite visualizar a criança como um ser competente, capaz de colaborar e interagir com o adulto e, por fim, não menos importante, ir além do uniformismo que não considera a diversidade dos grupos infantis (DELGADO; MÜLLER, 2005, p. 14).

Arenhart (2005) complementa essa ideia ao se referir ao embate acerca do fato de as crianças serem culturalmente reconhecidas como um grupo subordinado aos saberes e domínios dos adultos e que, por estarem nessa condição, geralmente não dizem aquilo que realmente pensam ou sentem, mas aquilo que elas pressupõem que queremos ouvir.

Neste cenário em que a submissão prevalece ancorada na desigualdade de forças - criança/adulto é preciso que o pesquisador esteja atento para não promover e/ou reforçar o desejo das crianças em responder aos questionamentos da forma ‘correta’. Nesta direção, Soares (2006, p. 30) alerta que:

A investigação com crianças, para ser genuína e efectiva terá que se organizar de forma a permitir que as crianças tenham oportunidade de serem actores do processo de investigação, aspecto que está mais dependente das competências dos adultos, relativamente à organização de estratégias de investigação que permita tal, do que das competências das próprias crianças.

Desta forma, é importante destacar as dificuldades a serem enfrentadas no desenvolvimento de estudos pautados na valorização da participação infantil não as mesmas que os estudos científicos de forma geral apresentam. Cruz (2009) aponta duas razões diferenciadas para a escarpada tarefa: a primeira estaria no fato de que os adultos ainda são inexperientes na tarefa de “ouvir” as crianças, seja através do dito e/ou do não dito; a segunda razão está ligada à insuficiência de referências teórico-metodológicas sobre esse tipo de investigação.

Barbosa (2008, p. 3) também aponta que o exercício de ouvir as crianças “nessa teia de significados, procurando configurações de sentidos que estão para além do que se observa empiricamente” não é uma tarefa simples; no entanto, reconhece que seu trabalho foi um mergulho intenso que lhe permitiu compreender que “mais do que recolher a voz das crianças, era preciso entender essas relações e os significados que iam surgindo a partir delas”.

Assim, o processo de pesquisar com crianças possibilita uma mediação pela qual os sujeitos imersos (criança e pesquisador) compartilham novos conhecimentos, pois há coisas que ambos conhecem e que ambos desconhecem e que precisam ser mediadas pelo processo de pesquisa.

Nesse sentido, escutar as crianças tem um carácter transformador, sendo assim, cabe a nós, pesquisadores da infância, sermos ousados e aceitar o desafio de ouvi-las no que tem para nos dizer e tornar as suas falas centro da compreensão dos contextos em que estão inseridas.

Demartini (2002) aponta que nas pesquisas com crianças é necessário aprender a trabalhar e a entender os diferentes contextos em que elas estão inseridas e que estes influenciam-nas em relação à “pouca ou muita fala”. Desse modo, o pesquisador deverá ter o cuidado e a sensibilidade de buscar instrumentos que o auxiliem ouvir as crianças.

Soares (2006) alerta que na definição dos instrumentos a serem utilizados cabe, antes de tudo, considerar o grau de implicação e comprometimento das crianças na investigação, para que essa importante seleção não seja realizada aleatoriamente. A autora, através de uma investigação acerca das representações sociais que as crianças, em diferentes contextos de vida, possuem de suas imagens como sujeitos de direitos, com voz e ação nos seus cotidianos, identificou três possíveis patamares de participação das crianças nas pesquisas: o da mobilização, em que a criança é convidada pelo adulto a participar, sendo encarada como parceira diante dos processos que atravessam a investigação em causa; o da parceria, em que a criança participa da pesquisa desde o seu processo de delineamento, isto é, o processo em causa é definido em conjunto e, por fim, o patamar do protagonismo, por meio do qual o processo de definição dos objetivos e delineamento da investigação dependem exclusivamente da ação da criança, sendo o adulto encarado como consultor disponível e presente.

Oliveira (2008) indica a necessidade de ajustar o foco buscando construir uma metodologia capaz de respeitar as particularidades e necessidades dos pequenos. Para Souza (2011), a percepção e o reconhecimento da multiplicidade da infância e de que a criança se expressa por meio de diversas formas que precisam ser exploradas, possibilita ao pesquisador optar não somente por uma única forma de aproximação e registro das representações das crianças sobre os assuntos que lhes dizem respeito e sobre as situações nas quais se encontram imersas, mas por várias.

Conforme Soares (2006), o pesquisador deve considerar a diversidade de aspectos que conferem identidade à investigação, tais como o contexto onde esta ocorre e a caracterização expressa em termos sociais, econômicos, culturais, etários e de gênero do grupo social infantil com o qual a pesquisa está sendo desenvolvida. Para a autora, essas questões devem estar associadas de forma a rentabilizar as diferentes competências das crianças através de uma grande diversidade de ferramentas metodológicas, para que a construção de conhecimento acerca da infância seja um conhecimento válido e sustentado cientificamente.

Nessa direção, a mesma autora apresenta cinco possibilidades de construção

de ferramentas metodológicas passíveis de serem utilizadas na recolha dos dados na investigação participativa com crianças. A primeira refere-se a ferramentas que apelam à oralidade infantil, onde se inclui desde as tradicionais entrevistas individuais aos pequenos grupos de discussão ou aos debates em grande grupo, diferenciando-se das formas tradicionais por atribuir à criança a definição do seu formato, garantindo a participação de crianças que ainda não dominem o registro escrito.

Outra possibilidade é a de ferramentas que recorrem à criatividade em termos de registro escrito ou gráfico, que seriam diários, ensaios ou registros do cotidiano para as crianças que já dominam o registro escrito e o gráfico para aquelas que não dominam a escrita. A terceira possibilidade seria o uso de recursos multimídia: fotografias e vídeos, cabendo considerar, inclusive, o manuseio dos equipamentos pelas crianças. Há ainda ferramentas que usam a expressão dramática, situações de faz-de-conta ou técnicas dramáticas que permitem às crianças recriar as suas representações acerca dos sentimentos, das ações, emoções e vivências que não poderiam ser resgatados a partir de métodos tradicionais. Por último, há a sugestão de uso de técnicas visuais individuais ou em grupo, uma possibilidade que permite outros formatos de caracterização dos contextos de vida das crianças por meio do uso de símbolos, imagens ou a cartografia (SOARES, 2006).

Silva, Barbosa e Kramer (2008) apontam que o trabalho do pesquisador implica a capacidade de “olhar, ouvir e escrever”. No caso da investigação com crianças, há a necessidade redobrada dessa capacidade, pois, conforme apontamos anteriormente, faz-se necessário o vigiar constante para que a realidade, o universo infantil não sejam filtrados pela lente adulta. Ao apropriar-se dos instrumentos de coleta de dados, bem como no momento de expor os dados, é preciso levar em conta as diferentes subjetividades envolvidas nesse processo: a do sujeito criança e a do investigador. Assim, o desafio imposto é o de trazer para os textos acadêmicos as vozes e os saberes infantis.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Considerar as crianças como sujeitos sociais é considerar que elas são capazes de provocar mudanças de diversas naturezas, sendo a infância formada por sujeitos ativos e competentes, diferentes dos adultos; pertencentes a diferentes grupos sociais, de gênero, de etnia, ou seja, sujeitos concretos e contextualizados.

Nesse cenário, sem menosprezar a importância de se conhecer o ponto de vista dos adultos responsáveis pela educação da criança a respeito dos elementos e relações

que constituem o cotidiano das instituições de Educação Infantil, a presente discussão adiciona-se aos esforços que começam a ser empreendidos por diversos autoresⁱⁱⁱ, com o intuito de valorizar e efetivar o direito que as crianças pequenas possuem de serem vistas, ouvidas e consideradas informantes principais na consulta sobre temas que lhes dizem respeito (SOUZA, 2011).

Tem-se então, como pressuposto, o entendimento de que a criança é um ser competente, ativo, crítico e comunicativo e, conseqüentemente, capaz de se posicionar a respeito das situações e relações que mais diretamente lhe afetam. Assim, em situação de recolha de dados em pesquisas científicas, “as informações decorrentes da escuta desses sujeitos podem contribuir tanto para se conhecer melhor o que se passa no interior das instituições a que eles têm acesso [...] como também para entender como eles se veem e se sentem [...]” (CRUZ, 2009, p. 2)

No entanto, é importante e necessário conhecer de forma adequada os fundamentos teórico-metodológicos e abordagens interdisciplinares dos estudos da infância com crianças e a pertinência na realização de pesquisas dessa natureza, no sentido de evitar equívocos na realização das investigações e disseminação de seus resultados. Esse é um dos desafios a serem enfrentados pelos estudiosos que pretendem se aventurar nesse campo árido e prazeroso, pois como afirmam Teixeira, Larossa e Lopes (2006, p. 17):

Nada mais arrogante do que querer colocar-se no lugar de uma criança. Nada mais arrogante do que tentar compreendê-la desde o seu interior. Nada mais arrogante do que tentar dizer, com nossas palavras de adulto, o que é uma criança. Porém, não há nada mais difícil do que olhar uma criança. Nada mais difícil do que olhar com olhos de criança. Nada mais difícil do que sustentar o olhar de uma criança. Nada mais difícil do que estar à altura deste.

Assim, ao produzir este artigo, até pelo seu próprio caráter de revisão da literatura, não tivemos a pretensão de indicar “o caminho das pedras”, mas sim de lançar e evidenciar ideias que possam fomentar a discussão e a proposição de novas investigações com olhares diferenciados para com as crianças.

Notas

ⁱ O período determinado coincide com a data em que os trabalhos apresentados nas reuniões anuais passaram a ser disponibilizados no site até a última reunião realizada até a escrita do artigo.

ⁱⁱ Oliveira (2001); Müller (2003); Cruz, (2004); Martins Filho (2004); Silveira (2004); Arenhart (2005); Delgado; Müller, (2005); Borba, (2006); Agostinho, (2008); Martins; Bretas (2008); Barbosa (2008); Schramm (2009); Cruz (2009); Salles (2009); João (2009); Ramos (2011); Nazario (2011); Correa; Bucci (2012); Ramos (2012); Maynard; Haddad (2012).

ⁱⁱⁱ Cruz (2008); Cruz (2009); Francisco; Rocha (2008); Oliveira-Formosinho (2008), Souza (2011), entre outros.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. A pesquisa com crianças e infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, A. L. G. de; FINCO, D. (Org.). *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 17-54.

AGOSTINHO, K. A. Pesquisa com crianças em contextos pré-escolares: reflexões metodológicas. In: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT07-4062--Int.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

ARENHART, D. A educação da infância no MST: o olhar das crianças sobre uma pedagogia em movimento. In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2005. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>. Acesso em: 13 fev. 2013.

BARBOSA, S. N. F. O desafio de compreender e ser compreendido. In: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT07-4675--Int.pdf>. Acesso em 13 fev. 2013.

BELLONI, M. L. Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização. *Perspectiva*, v. 25, n. 1, p. 57-82, jan./jun. 2007.

BORBA, A. M. As culturas da infância no contexto da educação infantil. In: VASCONCELLOS, T. de. (Org.). *Reflexões sobre infância e cultura*. Niterói: Eduff, 2008. p. 73-91.

_____. As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. In: 29ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT07-2229--Int.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

CORAZZA, S. M. *Infância e educação – era uma vez - quer que conte outra vez?* Petrópolis: Vozes, 2002.

CORREA, B. C.; BUCCI, L. A vivência em uma pré-escola e as expectativas quanto ao ensino fundamental sob a ótica das crianças. In: 35ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Porto de Galinhas: Anped, 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT07%20Trabalhos/GT07-1799_int.pd. Acesso em: 13 fev. 2013.

CORSARO, W. A. *Sociologia da Infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

_____. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Org.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31-50.

CRUZ, R. C. de A. A pré-escola vista pelas crianças. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT07-5619--Int.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

CRUZ, S. H. V. Ouvindo crianças: considerações sobre o desejo de captar a perspectiva da criança acerca da sua experiência educativa. In: 27ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt07/t078.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

_____. A qualidade da educação infantil na perspectiva das crianças. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO (Org.). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora, 2008. p. 75-93.

DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas. In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2005. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>. Acesso em: 13fv. 2013

DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. Infâncias, tempos e espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmento. *Currículo sem Fronteiras*, v. 6, n. 1, p. 15-24, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/sarmento.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2008.

DEMARTINI, Z. de B. F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, A. L.G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Org.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2002.

FERNANDES, F. *As “trocinhas” do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis*. Petrópolis: Vozes, 1979.

FERNANDES, N.; TOMÁS, C. A participação infantil: discussões teóricas e metodológicas. In: MAGER, M. et al. *Práticas com crianças, adolescentes e jovens: pensamentos decantados*. Maringá: Editora da UEM, 2011.

FRANCISCO, Z. F. de; ROCHA, E. A. C. “Zé, tá pertinho de ir pro parque?” O tempo e o espaço do parque em uma instituição de Educação Infantil. In: CRUZ, S. H. V. *A criança fala. A escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 307-311.

GOBBI, M. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisa com crianças pequenas. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Org.). *Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 69-92.

JOÃO, J. S. Crianças, professores e famílias (co)protagonistas da educação infantil. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/posteres/GT07-5667--Int.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

KRAMER. S. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. 8. ed. São Paulo: Cortez,

2006.

MARTINS FILHO, A. J. A vez das crianças: um estudo sobre as culturas da infância no cotidiano da creche. In: 27ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt07/p071.pdf>. Acesso em: 22 maio 2013.

MARTINS, J. de S. Regimar e seus amigos: a criança na luta pela terra e pela vida. In: _____. (Org.). *Massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 51-80.

MARTINS, M. C.; BRETAS, S. A. O que dizem as crianças sobre sua escola? O debate teórico-metodológico da pesquisa com crianças na rede pública de educação infantil. In: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT07-4328--Int.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

MAYNART, R. C.; HADDAD, L. A compreensão das relações de parentesco pelas crianças na brincadeira de faz de conta em contexto de educação infantil. In: 35ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Porto de Galinhas: Anped, 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT07%20Trabalhos/GT07-2066_int.pdf. Acesso em: 13 fev. 2013.

MULLER, F. *Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência*. In: 26ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Poços de Caldas: Anped, 2003. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/inicio.htm>. Acesso em: 13 fev. 2013

NARODOWSKI, M. Adeus à infância: e à escola que a educava. In: SILVA, L. H. da (Org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 172-177.

NAZÁRIO, R. Narrativas das experiências de crianças pequenas no contexto de uma “casa lar” do município de Florianópolis-SC. In: 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Natal: Anped, 2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/posteres/GT07/GT07-824%20int.pdf>. Acesso em 13 fev. 2013

OLIVEIRA, A. M. R. Com olhos de criança: o que elas falam, sentem e desenham sobre sua infância no interior da creche. In: 24ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2001. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/24/T0729478359431.doc>. Acesso em: 13 fev. 2013.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In: _____. (Org.). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora, 2008. p. 13-29.

QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. Especial, p. 137-162, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10282/9553>. Acesso em: Acesso em: 13 fev. 2013.

RAMOS, T. K. G. As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? Qual a atuação de suas professoras? In: 35ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Porto de Galinhas: Anped, 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT07%20Trabalhos/GT07-2325_int.pdf. Acesso em: 13 fev. 2013

_____. Possibilidades de organização de práticas educativas na creche em parceria com os bebês: o que “dizem” as crianças? In: 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Natal: Anped, 2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT07/GT07-1092%20int.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

REGO, T. C. Novas perspectivas para o estudo da infância. *Revista Educação – Especial Cultura e Sociologia da Infância*. São Paulo, p. 6-13, 2013.

SALLES, C. G. N. L. Infância e filosofia: um encontro possível? O que dizem as crianças. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT07-5897--Int.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância na encruzilhada da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Org.). *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Edições ASA, 2004. p. 9-34.

_____. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. de. (Org.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. de. Apresentação – Olhares sobre a infância. In: SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. de. (Org.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-13.

SCHRAMM, S. M. O. A constituição do sujeito criança e suas experiências na pré-escola. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT07-5555--Int.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2012.

SILVA, J. P. da; BARBOSA, S. N. F.; KRAMER, S. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: CRUZ, S. H. V. *A criança fala. A escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 79-101.

SILVEIRA, D. B. A escola na visão das crianças. In: 27ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt07/p074.pdf>. Acesso em 13 fev. 2013

SOARES, N. F. A investigação participativa no grupo social da infância. *Currículo sem Fronteiras*, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2006.

SOUZA, T. F. P. B. *A escola dos “meus” sonhos: há “luxo” no fim do túnel?* 2011. 49f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal, Corumbá, 2011.

TEIXEIRA, I. A. de C.; LAROSSA, J.; LOPES, J. de S. M. Olhar a infância. In: TEIXEIRA, I. A. de C.; LAROSSA, J.; LOPES, J. de S. M. (Org.). *A infância vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 11-28.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1995.

Recebido em janeiro de 2014

Aprovado em julho de 2014